

EJA E LETRAMENTO: UM ESTUDO DE CASO

EJA AND LITERACY: A CASE STUDY

Emilio Davi Sampaio¹
Rosivane Pinheiro de Andrade²

Resumo

Nos dias atuais é imperativo que todos sejam alfabetizados, mas, além disso, torna-se necessário que cada indivíduo saiba ler, escrever, compreender e interpretar dentro de um contexto em que leitura e escrita tenham sentido na vida da pessoa. Nesse processo, não basta apenas reunir palavras e frases sem compreender o significado delas. Nesta mesma linha de pensamento, buscamos, no presente estudo, investigar o nível de interpretação e letramento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola estadual de Dourados (MS). Para isso, verificamos a capacidade desses alunos de interpretar o texto *Piscina*, de Fernando Sabino. Nossa discussão apoia-se nos estudos de Kleiman, Soares e Tfouni. Concluímos que os alunos apresentam sérias dificuldades em relação à leitura e ao entendimento do texto.

Palavras-chave: leitura. Interpretação. Letramento. EJA.

Abstract

Nowadays it is imperative that all are literate, but in addition, it is necessary that each individual can read, write, understand and interpret within a context in which reading and writing have meaning in one's life. In this process, is not enough to bring together words and phrases without understanding their meaning. In this same line of thought, we seek, in this study, to investigate the level of interpretation and literacy of the students from a Brazilian Educational Program for Young and Adults -Educação de Jovens e Adultos (EJA) at a public school in Dourados (MS). To do so, we evaluated student's capacity of interpreting the text *Piscina*, by Fernando Sabino. Our discussion is based on the Kleiman, Soares and Tfouni. We concluded that the students presented serious difficulties about Reading and understanding the text

Keywords: Reading. Comprehension. Literacy. EJA.

INTRODUÇÃO

A leitura não deixa de ser um importante mediador para a produção escrita, bem como para uma boa expressão da oralidade. Estudos comprovam que pessoas que cultivam o hábito de ler tendem a escrever e falar com mais facilidade, saindo do senso comum e adquirindo

¹ Doutorado em Letras na UFRGS (2014). Atualmente é professor classe A da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e consultor cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa da UEMS. É professor formador da Olimpíada da Língua Portuguesa no Estado de Mato Grosso do Sul.

² Graduada em Letras/Espanhol e Especialista em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: rosivanepinheiro@hotmail.com

vocabulário que ampliará o seu conhecimento lingüístico e, conseqüentemente, de mundo. Todavia, os benefícios da leitura não se esgotam somente na escrita e na oralidade, é com a leitura que a pessoa busca novos saberes e desenvolve um espírito crítico para entender de forma mais produtiva o contexto em que está inserido.

No entanto, para que isso realmente aconteça não se pode qualificar a leitura como apenas uma decodificação de símbolos e sinais gráficos. Isso não representa avanço nenhum para o indivíduo, pois ela deve ser um ato de reflexão no sentido de se interpretar a mensagem que o autor está querendo transmitir e levar o leitor a construir opiniões próprias sobre o que está sendo lido.

Nesse contexto, esse estudo tem como principal objetivo pesquisar um grupo de alunos da 4ª fase da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e avaliar o nível de letramento. A princípio, algumas questões de ordem geral se impõem: Esses alunos estão lendo? O que eles leem? Será que encerram a prática de leitura apenas nos livros didáticos e cumprem o dever através dos trabalhos solicitados pelo professor, valendo a famosa nota? Eles realmente interpretam o que leem? Como tudo isso se processa?

Com o objetivo de compreender o nível de letramento desses alunos, aplicamos um questionário, contendo três questões objetivas e cinco discursivas. Treze alunos responderam ao questionário. A turma apresenta alunos com idade entre 15 e 66 anos, sendo assim, para esta verificação, dividimos o grupo em dois, considerando as seguintes faixas etárias: 15 a 25 anos: 7 alunos; 37 a 66 anos: 6 alunos. Os nomes dos alunos foram preservados, para tanto, fizemos a substituição por letras do alfabeto.

PISCINA, DE FERNANDO SABINO: ANÁLISE DAS RESPOSTAS

Analisaremos a seguir as respostas dos alunos sobre a interpretação do texto narrativo intitulado *Piscina*, do escritor Fernando Sabino. O texto e o questionário, com respostas prováveis, encontram-se em anexo, ao final deste estudo. Vale observar que, primeiramente, discorreremos a respeito das perguntas objetivas e posteriormente das discursivas.

Ao serem perguntados sobre a tipologia do texto, verificamos que 71% dos alunos da faixa etária entre 15 e 25 anos e 100% dos alunos entre 37 e 66 anos, responderam, acertadamente, que se tratava de um texto narrativo, demonstrando, portanto, um bom conhecimento de identificação da tipologia textual. Esse nível de acerto é presumível, pois

constatamos que os professores de Língua Portuguesa já trabalharam com eles as tipologias e os gêneros textuais, conforme previsto na grade curricular da escola. Por outro lado, também constata-se que, por parte dos professores, há observância ao planejamento escolar e às ementas a serem seguidas pela disciplina de Língua Portuguesa.

Sobre a compreensão textual, para que os alunos pudessem entender o texto em toda a sua extensão, era necessário que soubessem o significado do verbo *esgueirar*. Na tentativa de auxiliá-los, foi realizada uma breve explicação escrita do significado desse verbo. Mesmo assim, ao serem perguntados sobre tal, (a pergunta era “A expressão que melhor substituiria o verbo *esgueirar* é?”) somente 5 alunos de toda a turma responderam corretamente, ou seja, um nível de acerto de apenas 38,46%. Muito baixo se considerarmos que a resposta a essa questão já estava escrita, de forma ostensiva no texto.

É importante registrar que o grupo da faixa etária entre 37 e 66 anos foi mais atento ao responder, pois houve um nível de acerto de 83,33 % enquanto no grupo mais jovem, nenhum aluno conseguiu responder a essa questão corretamente.

Nesse sentido, é importante lembrar que, para atribuir significado a algo, nem sempre, somente com a definição da palavra, consegue-se chegar à compreensão; o sentido, muitas vezes, depende da sequência da leitura do texto, contudo, pode acontecer de o leitor interromper a leitura por não saber o sentido de um vocábulo. Sobre esta situação, assim diz Kleiman (1997, p.75):

[...] ensinar ao aluno a analisar o contexto na procura de pistas implica ensinar, ao mesmo tempo fazer a leitura não-linear; isto é, continuar a leitura ainda quando houver incompreensão momentânea, inclusive voltando para trás, relendo, pois o contexto pode elucidar o problema.

Ou seja, nem sempre precisamos ir ao dicionário quando não sabemos um determinado significado de uma palavra, dependendo do sentido da frase, podemos deduzir o seu significado. No entanto, constatamos que mesmo com o significado da palavra sendo fornecido, de forma explícita, a grande maioria dos alunos não conseguiu responder corretamente.

Na última questão objetiva, ao serem citados vários objetivos, e perguntado qual deles resumia a principal ideia do autor do texto, somente 14% da faixa etária de 15 a 25 anos e 33% da faixa etária entre 37 e 66 anos, conseguiram identificar claramente. Isto comprova que há um grau de deficiência acentuado na compreensão do texto, principalmente, por parte dos alunos da faixa etária de 15 a 25 anos, pois apenas um aluno acertou a questão.

A seguir abordaremos as questões discursivas do texto.

Com relação à identificação da personagem antagonista, de uma forma global, 69,23% dos alunos acertaram, sendo que na faixa etária de 37 a 66 anos o percentual de acerto foi 100%. Lembramos que a antagonista “é uma personagem secundária que coloca obstáculos à ação da personagem protagonista, sujeito da ação”. (ABDALA, 1995, p. 44).

Essa questão é bastante interessante, pois a própria pergunta traz a resposta, no entanto, 14% dos alunos da faixa etária entre 15 e 25 anos não souberam responder. Em termos comparativos, nota-se que os alunos da faixa etária mais avançada (de 37 a 66 anos), novamente, obtiveram melhor resultado.

Avançando na interpretação do texto, questionamos por que os “molambos em forma de saia” não bastavam para definir a personagem como “mulher”? A seguir, as respostas dos alunos, transcritas literalmente:

“Porque ela estava muito acabada devido ao seu sofrimento”. (“aluno H”, 38 anos)
“não bastavam para definir a personagem porque estava ma arrumada”. (“aluno I”, 66 anos)
“Era um ser encardido, segurava uma lata na mão e estava parada à espreita, silenciosa como um bicho”. (“aluna L”, 37 anos)
“porque ela estava tão mau arrumada que não dava pra reconhecer como mulher estava tão suja.” (“Aluno J”, 52 anos)
“Porque era um ser encardido”. (“aluno N”, 37 anos)
“pelo estado em que se encontrava a roupa da mulher, encardida, trapos em forma de saia”. (“aluno M”, 40 anos)
“Porque uma era pobre e a outra rica”. (“aluna D”, 22 anos)
“Por que eram pobres”. (“aluno C”, 24 anos)
“Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher”. (“aluno A”, 19 anos)
“Não sei.” (“aluno G”, 21 anos).
“e pra humilhar mais ainda quem já vive humilhado: porque eu conheço malandros como uma pessoa muito suja”. (“aluna F”, 25 anos)
“porque estava suja e com trapos”. (“aluno E”, 15 anos)
“Para definir uma mulher so tem que fardas característica dela”. (aluno “ B”, 15 anos)

Observando as respostas acima, podemos verificar que não houve uma perfeita interação entre a maioria dos alunos com o texto. Pareceu-nos uma leitura mecânica sem mergulhar na sua essência. As respostas não se apresentam de forma clara, algumas sem nexo, como é o caso da aluna “F” e outras em que o aluno não teve nem a preocupação de parafrasear, como é o caso do “aluno A”, que simplesmente escreveu uma cópia do que estava escrito no quinto parágrafo do texto. Neste sentido, Kleiman (1997, p. 83) argumenta que:

[...] a capacidade de fazer paráfrase, é utilizada na literatura com o sentido de designar aquelas operações que estão envolvidas em contar o texto com suas próprias palavras. [...] estaria demonstrada quando o leitor consegue responder perguntas sobre o texto [...]. No entanto, a paráfrase também vai além de pistas locais, [...] o leitor precisa perceber o global, transformar os elementos locais num todo coerente.

Nessa mesma direção, observamos que poucos foram os alunos que deram respostas com suas próprias palavras e dentro da ideia que o autor quis transmitir. Citamos, nesse caso, apenas os alunos “I”, “E”, “J” e “M”. Os demais alunos, de uma forma ou de outra, tentaram responder, mas não mostraram que compreenderam o texto. Ainda se observa o aluno “G” que respondeu, simplesmente, “não sei”. Provavelmente, esse aluno não conseguiu fazer uma leitura eficaz para uma interpretação correta do texto ou não tem ainda a capacidade de compreensão e análise textual iniciada. Kleiman (1997, p. 16) sobre isso expõe que “Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido”.

Podemos ainda complementar: ninguém gosta de ler aquilo que não se identifica, ninguém gosta de ler se não tem a capacidade de análise desenvolvida para poder tirar do texto a sua essência, e ninguém gosta de ler se não tem o hábito da leitura e não sente prazer em estar na companhia de um livro, conhecendo novos mundos.

Podemos evidenciar também que não existe, ainda, para a grande maioria desses alunos, o domínio da escrita, pois além da dificuldade de interpretação, as respostas apresentam erros básicos de ortografia e pontuação.

A questão seguinte, feita aos alunos, em relação ao texto era: “Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina. A piscina, que se interpõe entre as mulheres, adquire um sentido muito mais amplo do que simplesmente uma distância espacial. Que conotação ela tem no texto?”

Vejamos algumas respostas:

“a piscina é o ponto principal do texto por isso é o titulo”. (“aluno B”, 15 anos)

“Porque e pela piscina que se tem a historia”. (“aluna F”, 25 anos)

“A conotação tem no texto é a diferencia da vida que existe entre ricos e pobres sistema capitalista”. (“aluno I”, 66 anos)

“Para a dona da casa lazer Para a mulher da favela era uma fonte de sobrevivencia”. (“aluna M”, 40 anos)

“A piscina é usada para falar do contrate ente ricos e pobres.” (“aluna L”, 37 anos)

“Colhia a água com a lata. Depois sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em poço sumia – pelo portão.” (“aluna J”, 52 anos)

*“Que a distância era curta entre elas” (“aluna E”, 15 anos)
 “a necessidade pela água”. (“aluno N”, 37 anos)
 “Que a mulher rica mostrava seu poder, e a outra fazendo a mesma coisa que a rica”.
 (aluna D”, 22 anos)*

Nesse item, quatro alunos não responderam a questão, representando 30,76 % da turma. Do mesmo modo que a pergunta anterior, podemos afirmar que não houve uma interação perfeita entre o texto e os alunos, ou seja, respostas que nada tem a ver com a mensagem que o autor quis passar e respostas que são cópias do texto, sem ao menos tentar parafrasear. Portanto, vale os mesmos comentários que foram feitos na pergunta anterior. Apenas destacamos as respostas dos alunos “I”, “M” e “L”, que conseguiram atribuir um sentido lógico, enxergando as entrelinhas do texto. Lembramos que os alunos “I” e “M” também se destacaram na pergunta anterior.

Outra questão importante a respeito do texto foi: “Além da necessidade de água, que objetivo pode ter o gesto da mulher de encher o balde com água da piscina?”

Vejamos abaixo as respostas dos alunos:

*“por que não tinha agua onde morava”. (“aluno C”, 24 anos)
 “que aonde ela mora não tinha água”. (“aluna D” 22 anos)
 “ela quis desafiar a Dona da casa e conseguiu” (“aluna F”, 25 anos)
 “necessidade de tomar água ou para lavar roupa”. (aluno “I”, 66 anos)
 “po que na casa dela não tinha água, por riso, ela foi obrigada apanhar água na piscina”. (“aluna J”, 52 anos)
 “talvez ela ia muito longe buscar água, e viu tanta água que achou que podia pegar um pouco”. (aluno “M”, 40 anos)
 “um gesto de necessidade pela água”. (aluno “N”, 37 anos)
 “Sim”. (aluno “E”, 15 anos)
 “Um gesto de revolta” (aluno “B”, 15 anos)
 “Ela queria mostrar pra mulher rica que ali era uma favela e só tinha a casa dela de bonito por toda redondeza”. (aluno “L”, 37 anos)
 “não deu porque ela estava olhando o visinho”. (“aluno A”, 19 anos)
 “ela mostrou que enquanto a mulher rica esbanjava a mulher pobre passava muita necessidade”. (“aluno H”, 38 anos)*

Percebe-se, novamente, que a maioria dos alunos não consegue interpretar corretamente o texto e, nesse caso específico, a grande maioria não conseguiu nem entender a pergunta, pois já estava claro a necessidade de água e perguntamos que outro objetivo poderia ter o gesto da mulher ao encher o balde de água. Somente três alunos (alunos “B”, “F” e “H”), no nosso entendimento, compreenderam dando algum sentido à resposta, demonstrando que alguma interpretação foi feita.

A última questão discursiva a respeito do texto foi: “Por que a solução encontrada pelo homem foi vender a casa?”

Respostas dadas:

“porque ficou com medo, de que as pessoas começassem invadir a sua casa”. (“aluna M”, 40 anos)

“Talves pelo fato de ver tanta pobreza proximo sua casa ou por medo de outras invasões”. (aluno H”, 38 anos)

“O homem ficou com medo de invadirem sua casa e também ele ficou constrangido por morar ao lado de uma favela”. (“aluna L”, 37 anos)

“destacar o contraste a vida ociosa dos ricos e o trabalho dos pobres.” (“aluna J”, 52 anos)

“depende me se ele for rico ele não presisa vender mas se ele for pobre ai e outro caso”. (“aluno A”, 19 anos)

“porque ele ficou com medo ser um combate” (“aluna E”, 15 anos)

“por que assim ele ficaria longe dos pobres”. (“aluno B”, 15 anos)

“talves o medo”. (“aluno N”, 37 anos)

“Porque estava com medo que aquela mulher fizesse alguma coisa ali.” (aluna D”, 22 anos)

“Vendeu a casa porque sentiu que vai ser dificil viver entre os pobres”. (“aluno I”, 66 anos)

“Para ver mais essa cena. Ou seja medo” ”. (“aluna F, 25 anos)

Essa talvez tenha sido a única pergunta que uma grande parte dos alunos conseguiu identificar o “medo” como a causa principal. No entanto, em nada muda o que expusemos até aqui, pois representa muito pouco no contexto geral da análise.

De modo abrangente, percebemos as mesmas evidências em todas as respostas, isto é: falta de interação do leitor com o texto, processando a leitura de forma mecanizada, sem mergulhar na essência do que o autor quis transmitir. Além disso, percebe-se a presença de respostas copiadas diretamente do texto sem qualquer interpretação, respostas, na maioria das vezes, sem nexos e, finalmente, falta do domínio da escrita de acordo com a gramática da Língua Portuguesa (acentuação, ortografia, concordância nominal e verbal).

Concluída a análise realizada por meio do questionário, nos perguntamos então: Esses alunos são alfabetizados? São letrados? São leitores?

Com relação à primeira pergunta, podemos considerar que eles se encontram no processo de alfabetização, apesar das dificuldades de interpretação, de leitura e escrita, pois segundo Leda Verdiani Tfouni (1995, p.15), em *Letramento e alfabetização*, o que caracteriza o processo de alfabetização é a sua incompletude, ou seja, é algo que nunca será alcançado

por completo, não há um ponto final. Alfabetizar, portanto, de acordo com a autora não se resume a receber instruções somente para processar a escrita, mas sim considerar que se deve estabelecer uma relação entre o educando e o mundo, num processo que não se esgota nunca.

Quanto à segunda pergunta, não podemos negar que, por parte desses alunos, existe um nível de letramento, mesmo porque não existe em nenhuma sociedade alguém com grau de letramento zero, conforme bem explica Tfouni (1995, p. 23):

[...] não existe, nas sociedades modernas, o letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’, sem que com isso se pressuponha sua inexistência.

Sendo assim, ninguém está na escala zero de letramento, pois até uma criança que não sabe ler, já pode ser considerada letrada. Magda Soares (2003), exemplifica o caso de uma criança que mesmo antes de estar em contato com a escolarização e que não saiba ainda ler e escrever, porém, tem contato com livros, revistas, ouve histórias lidas por pessoas alfabetizadas, presencia a prática de leitura, ou de escrita, e a partir daí também se interessa por ler, mesmo que seja só encenação, criando seus próprios textos “lidos”, ela também pode ser considerada letrada.

Portanto, segundo as duas autoras, não existe ninguém com letramento zero ou iletrado, existem, sim, pessoas com níveis de letramento diferentes.

O nível de letramento será sempre melhorado à medida que a pessoa aprenda a lidar com mais e diferentes materiais de leitura e escrita. Quanto mais texto alguém é capaz de ler e entender, quanto mais material escrito, de qualidade, for capaz de produzir, maior será seu nível de letramento.

Finalmente, quanto a serem leitores, na expressão própria da palavra, não conseguimos identificar evidências para fazermos essa afirmação, pois o leitor não pode ser somente um decodificador, tem que dialogar com o texto, usando seus conhecimentos prévios, fazendo inferências, refazendo o percurso do texto transformando-o e transformando-se. Conforme Safady (apud SILVA, 1992, p. 44):

[...] o leitor curioso e interessado é aquele que em constante conflito com o texto, conflito representado por uma ânsia incontida de compreender, de concordar, de discordar - conflito, enfim, onde quem lê não somente capta o objeto da leitura, como transmite ao texto lido as cargas de sua experiência humana e intelectual.

Portanto, essas características, de acordo com nossas análises e nosso entendimento, não são identificadas nesse estudo. Por outro lado, verificamos a consciência dos alunos em relação à importância da leitura e a vontade que os mesmos demonstraram em aumentar os seus níveis de conhecimento. Talvez, ou muito provavelmente, o que faltou a eles foi oportunidade, e isto, parece-nos, está acontecendo neste momento de suas vidas. Muitos, mesmo com idade avançada, procuram a escola porque sabem que, apesar de tudo, ela ainda pode colaborar para que eles saiam da margem em que se encontram inseridos e alcancem uma melhor posição em seu meio social.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, percebemos que os alunos da 4ª fase da EJA apresentam dificuldades em relação à leitura, interpretação e escrita, pois não conseguem ler as entrelinhas. Podemos fazer essa afirmação, pois, percebemos claramente, de forma geral, quando da análise das respostas ao questionário que faltou interação dos alunos com o texto. A leitura foi de forma mecanizada, sem mergulhar na essência do que o autor quis transmitir, várias respostas foram copiadas diretamente do texto sem qualquer interpretação ou mesmo paráfrase, respostas muitas vezes sem nexos e, finalmente, falta do domínio da escrita gramatical (acentuação, ortografia, concordância nominal e verbal).

É fundamental observar que as duas faixas etárias analisadas apresentaram lacunas na interpretação textual, todavia, a faixa etária de 36 a 66 anos se sobressaiu mais nas respostas, perfazendo um número maior de acertos. Todavia, ambas as faixas etárias, demonstraram interesse em ampliar seus conhecimentos e colaboraram com nossa pesquisa.

A principal conclusão que podemos tirar desse estudo é que esses alunos têm um nível de letramento e alfabetização, pois como muito bem expôs Soares (2003) e Tfouni (1995) não existem pessoas com o grau de letramento zero, mas sim, pessoas com níveis de letramento e alfabetização diferentes. No entanto, eles ainda têm um caminho longo a percorrer para serem considerados letrados ou alfabetizados, num sentido restrito, pois, na sua maioria, não demonstraram um domínio da leitura e da escrita, condição necessária para serem classificados como tais.

Para mudar essa situação, é preciso que a escola e professores incentivem e conscientizem esses alunos a frequentar mais as bibliotecas, desenvolvam projetos de leitura

que atendam as necessidades deles e oriente-os para outros tipos de leitura, de tal forma que possam ampliar a visão de mundo, que certamente os levará para uma melhor condição de compreensão e interpretação dos textos e, com certeza, da vida e do mundo em geral.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo, SP: Scipione, 1995.

KLEIMAN, A. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. São Paulo, SP: Pontes, Campinas, 1997.

SILVA, E. T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo, SP: Cortez, 1992

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

TFOUNI, L. V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo, SP: Cortez, 1995.

ANEXO

Piscina

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio de Janeiro, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se estendendo pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça.

De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim-tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito pareceu à dona de casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão.

Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

(Fernando SABINO, *A Mulher do Vizinho*, Rio de Janeiro, 1976)

QUESTIONÁRIO PARA O TEXTO “PISCINA” – FERNANDO SABINO (Respostas prováveis)

1 – Piscina é um texto literário:

() poético () jornalístico () dramático (x) narrativo

2 – A mulher da favela toma a iniciativa da ação e invade o espaço da mulher rica. Ela é a personagem principal, também chamada de **protagonista**. Quem é a **antagonista**, isto é, a personagem que a ela se opõe na sequência do texto?

A mulher rica.

3 – Por que os “molambos em forma de saia” não bastavam para definir a personagem como “mulher”?

Porque a cor encardida tornava o ser indefinido, não permitindo distinguir-lhe as formas e as feições.

4 – “Por um instante as das mulheres se olharam, separadas pela piscina.” A piscina, que se interpõe entre as mulheres, adquire um sentido muito mais amplo do que simplesmente uma distância espacial. Que conotação tem ela no texto?

Espera-se que os alunos percebam que a piscina representa a distância social que separa as duas mulheres. Ela simboliza, no texto, a desigualdade social e econômica que há entre as personagens. A água, para uma, é fonte de prazer; para outra, fonte de sobrevivência.

5 – “De súbito pareceu à dona da casa que a estranha criatura *se esgueirava*, portão a dentro, sem tirar dela os olhos.” A expressão que melhor substituiria o verbo destacado é:

A – caminhava despreocupadamente

C – caminhava ostensivamente

B – caminhava sorrateiramente

D – caminhava rapidamente

Resposta: letra B

6 – Além da necessidade de água, que objetivo pode ter o gesto da mulher de encher o balde com a água da piscina?

No nosso entendimento, esta questão possui mais de uma resposta. Uma das ideias sugeridas pelo texto é que a mulher da favela, com esse gesto, mostra coragem na luta pelos seus direitos, indo tomar dos ricos o que lhe falta. Mas o importante é que os alunos discutam a cena e cheguem a conclusões próprias.

7 – Por que a solução encontrada pelo homem foi vender a casa?

Esta questão também permite respostas variáveis, desde que não fujam do sentido textual posto pelo autor: o de que há uma ameaça imposta por uma situação contextual. Exemplo: o homem sentiu que não poderia vencer a “luta” que estava começando.

8 – Qual dos itens abaixo melhor resume o objetivo do autor do texto?

A – Destacar a revolta dos pobres contra os ricos

B – Destacar o contraste entre ricos e pobres

C – Destacar o contraste entre a vida ociosa dos ricos e o trabalho dos pobres

Resposta: Letra B.